

Emprego e inflação

1992 foi um ano muito ruim para os trabalhadores brasileiros. Segundo levantamento do IBGE, divulgado na última quinta-feira, cerca de 4,89 milhões de trabalhadores foram demitidos ao longo do ano passado. Esse foi o pior indicador desde 1983, ano negro da década passada. Em 1992, o nível de emprego caiu 7,6 por cento em relação ao ano anterior. Mas, embora pareça paradoxal, no que se refere aos salários reais, detectou-se um crescimento médio de 12,8 por cento acima de 1991. Isso mostra que os que têm conseguido se manter nos postos de trabalho tiveram ganhos verdadeiros. Segundo os técnicos, os números do desemprego só poderão ser revertidos quando o País retomar o crescimento econômico. De qualquer forma, não acreditam que essa retomada, por mais impetuosa que seja, possa, além de repor vagas perdidas, criar outras novas.

Além do crescimento real dos salários, foi detectado um aumento de 3,1 por cento no índice de produtividade. Isso ocorreu porque as empresas brasileiras tentaram se adaptar às novas regras de mercado. Essa maior produtividade foi notada especialmente nos setores de metalurgia e têxtil. A maior siderúrgica do País, a CSN, passou por um exugamento geral de gorduras a fim de ser vendida agora à iniciativa privada. Já as indústrias têxteis ganharam agilidade para enfrentar a chegada dos competidores estrangeiros. Entre os setores que mais dispensaram funcionários, estão as indústrias do mobiliário (-16,5 por cento), têxtil e de vestuários (ambas com menos 15,4 por cento).

Os dados agora apresentados pelo IBGE mostram que o Brasil continuou, em

1992, perdendo não só a luta contra o desemprego como também foi batido no enfrentamento da inflação. É importante, neste ponto, que se faça uma comparação com o caso europeu, visto de forma talvez excessivamente otimista pelos brasileiros.

Lá, embora a maioria das nações integrantes da Comunidade Econômica tenha se saído bem no combate à inflação, o desemprego continua derrotando os governos. Na Espanha, apontada agora como o mais novo país milagreiro, depois do Brasil e do Japão, o desemprego já atinge 20 por cento da população ativa, uma percentagem realmente explosiva. A França não pode comemorar muito intensamente o fato de ter conseguido, ano passado, registrar o menor índice inflacionário do continente porque também amarga cerca de três milhões de desempregados e um número crescente de pessoas sem endereço fixo (os sem-teto do Brasil, os homeless dos Estados Unidos), estimado entre 200 e 400 mil pessoas. A Alemanha unificada tem 3,5 milhões de desempregados, e a Inglaterra 3 milhões. Nos Estados Unidos, pesquisas de opinião mostram que hoje o grande temor da maioria dos norte-americanos é perder o emprego.

Esses fatos nos levam a concluir que o Brasil precisa lutar nas duas frentes, simultaneamente. É claro que, com inflação, o País não vai gerar os empregos de que necessita. Mesmo assim, o que se prevê é que, depois de vencida a inflação, a grande questão vai ser como arranjar trabalho para as pessoas em idade ativa. Infelizmente, não vai haver lugar para todos porque o desemprego, seja no índice que for, faz parte da estrutura econômica do mundo de hoje.